

ESCOLHAS OU ESCOLHIDOS? Estudantes de Camadas Populares em uma Escola Técnica Federal

Debora Cristina Piotto¹
Iris Maria Bosco Tetzlaff²

RESUMO

O presente artigo discute o processo de escolha por uma escola de Ensino Médio Técnico Federal por parte das camadas populares. Partindo de estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino e acesso ao Ensino Superior em meios populares, foram realizadas entrevistas em profundidade com dez estudantes, pertencentes às camadas populares, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Os resultados apontam que todos os estudantes entrevistados podem ser considerados “bons alunos” e que houve participação notadamente dos professores no processo de escolha pela escola, ao fornecer informações e incentivar o ingresso desses estudantes no IFSP. Revela-se que a escolha pela instituição federal por parte das camadas populares ocorreu por meio de um processo socialmente construído, sobretudo no âmbito escolar, no decorrer da escolarização dos estudantes.

Palavras-chave: escolha; escola; camadas populares.

CHOISE OR CHOSEN? WORKING CLASSES STUDENTS AT A FEDERAL TECHNICAL SCHOOL

ABSTRACT

The article discusses the process of choosing a federal technical high school by the students from low-income backgrounds. Based on studies on the choice of school institution and access to higher education of low-income people, we conducted in-depth interviews with ten students, belonging to the lower classes, from the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo (IFSP). As a result, all students interviewed can be considered “good students” and there was a noticeable participation of teachers in the process of choosing the school, by providing information and encouraging these student’s admission to the IFSP. It has revealed that the choice of the federal institution by the popular strata occurred through a socially constructed process, especially at the school level, during the students’ schooling.

Keywords: choose; school; low-income backgrounds.

Recebido em: 16/3/2022

Aceito em: 6/7/2022

¹ Autora correspondente: Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Vila Monte Alegre. CEP 14040-901. Ribeirão Preto/SP, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6769668919024609>. <https://orcid.org/0000-0002-9349-0218>. dcpiotto@usp.br

² Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto/SP, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9390261118849230>. <https://orcid.org/0000-0002-7565-8806>.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os principais resultados de uma pesquisa que objetivou compreender como se dá o processo de escolha por uma escola de Ensino Médio Técnico Federal por estudantes de camadas populares.³

O tema da escolha do estabelecimento de ensino vem sendo abordado pela pesquisa educacional brasileira desde o final da década de 90 do século. Nogueira (1998) explora a relação entre família e escola e o problema dos pais em definir o “melhor” estabelecimento de ensino para os filhos. A autora destaca que as famílias de diferentes meios sociais são desigualmente equipadas para exercer a “boa escolha”, e os critérios utilizados no ato de escolher dependem de uma série de fatores que variam de acordo com o nível sociocultural de cada grupo familiar. Ela afirma ainda que, em países em que a escolaridade é colocada como bem privado, a escolha da escola constitui um dos grandes fatores de manutenção e fortalecimento das desigualdades de oportunidades educacionais. Assim, diante de oportunidades escolares muito diversificadas, as famílias se veem com a necessidade de confrontar, discutir e selecionar os estabelecimentos desejados.

Também visando a contribuir para os estudos sociológicos sobre a escolha do estabelecimento de ensino, mais recentemente Nogueira, Resende e Viana (2015) mostram que em meios populares é igualmente possível identificar o desejo crescente dos pais de participarem da vida escolar dos filhos e de efetuarem escolhas favoráveis à sua escolarização.

Resende, Nogueira e Nogueira (2011) também apontam que nas camadas populares não há passividade das famílias em relação à escolaridade dos filhos, posto que também aí ocorrem processos ativos e diferenciados de escolha da escola. Ao analisarem o perfil das famílias a partir das escolhas escolares efetuadas, os autores destacam a associação existente entre o perfil familiar e o tipo de escola escolhida, seja ela particular, pública comum (estadual/municipal) ou pública federal. Eles afirmam, também, que os pais dos estudantes de escolas técnicas federais destacam-se em diversos aspectos, por exemplo, em relação à monitoria de estudos dos filhos, à presença de livros na residência ou à observação da qualidade educacional ofertada.

Pensando na questão da oferta escolar, Costa e Koslinski (2006) discutem que, embora o sistema educacional brasileiro seja baseado em uma estrutura curricular nacional, as escolas não possuem um mesmo padrão em serviços e qualidade ofertados, existindo importantes diferenças de prestígio entre escolas públicas, que intensificam a hierarquização e a competição pelas instituições de ensino.

Em outro estudo, Costa e Koslinski (2011) destacam também que há, na rede pública, uma demanda por escolher escolas e uma oferta para capturar estudantes pela qualidade de serviços prestados. Os autores utilizam o conceito de “quase mercado educacional” para auxiliar na compreensão do fenômeno estudado. Além disso,

³ A expressão “camadas populares” aqui está relacionada não apenas ao fator de renda, mas também a um sistema de estratificação social, em que a mediação de elementos simbólicos distancia as famílias de uma homogeneidade social e as aproxima por uma situação de escassez, seja ela objetiva ou simbólica, financeira ou cultural, mas com formas diferenciadas de viver tal situação (ROMANELLI, 2003).

concordam que existem também estratégias ocultas, visto que tanto a oferta quanto a demanda utilizam mecanismos de matrículas que infringem regras instituídas, e o “quase mercado oculto” tem colaborado para a produção de efeitos de desigualdade de oportunidades. Destacam, ainda, que o prestígio das instituições escolares é transmitido por meio das relações sociais, e mesmo que muitas escolas públicas comuns não se aproximem das características de qualidade valorizadas em escolas privadas ou federais, há um sinalizador de prestígio informal caracterizado pela corrente de informações, o denominado “clima escolar”, que orienta as disputas por escolas caracterizadas como de melhor qualidade.

As pesquisas sobre a escolha do estabelecimento de ensino aqui mencionadas tratam de escolhas escolares do Ensino Fundamental e trazem importantes contribuições ao presente estudo. Trabalhos que tratem da escolha da escola de Ensino Médio, contudo, são menos numerosos. Tratando da escolha nesse nível de ensino podemos citar os trabalhos realizados por Nascimento (2011) e Cintra (2013).

Nascimento (2011), ao pesquisar o conhecimento dos estudantes sobre a oferta de Ensino Médio público em uma cidade do Tocantins, constatou que nem todos os jovens conheciam a oferta e os cursos de Ensino Médio e de Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio daquela localidade. Além disso, a autora afirma também que os pais são os que mais influenciam a escolha do curso e da instituição de Ensino Médio dos filhos.

Cintra (2013) investigou a forma como as relações familiares influenciam o ingresso de adolescentes no Ensino Médio Técnico Integrado Federal.

Neste trabalho, apesar de seu foco ser a importância da família no processo de escolha pela escola dessa modalidade de Ensino Médio, é possível verificar outros contextos que também parecem ter influenciado nessa escolha. Em uma das entrevistas realizadas pela autora, por exemplo, a escolha pelo Ensino Médio havia ocorrido por influência de professoras da escola de Ensino Fundamental que deram informações sobre a instituição técnica federal à estudante entrevistada. Outro estudante entrevistado soube do processo seletivo do Instituto Federal por meio da escola em que cursou o Ensino Fundamental.

A questão da escolha da escola também aparece em pesquisas sobre a temática do acesso ao Ensino Superior por parte das camadas populares.

Lacerda (2014), por exemplo, analisa o que tornou possível a estudantes provenientes de famílias com baixo capital cultural e escolar ingressarem no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). E em sua análise apresenta a história de um estudante residente no meio rural, cuja trajetória escolar indica a utilização de estratégias de escolha do estabelecimento escolar por parte de seu pai, visando a oportunizar ao filho ensino de melhor qualidade.

Souza (2014) estudou trajetórias de sete estudantes de famílias de migrantes dos seringais, que ingressaram nos cursos mais seletos da Universidade Federal do Acre (Ufac). Na análise dessas histórias notamos a importância da escolha do estabelecimento de ensino para o sucesso escolar dos estudantes, que chegam a mudar de cidade para garantir o acesso a uma educação de maior qualidade. Ilustração disso é a trajetória de um dos estudantes que, ao concluir o Ensino Fundamental, seguiu a orientação de

uma professora e cursou o Ensino Médio na capital do Estado, a fim de obter melhor preparo para o vestibular.

As histórias analisadas por Souza (2014) e Lacerda (2014) indicam que a escolha da escola parece ser um fator que contribui para o acesso ao Ensino Superior em camadas populares. A indicação de uma escola de melhor qualidade feita por um professor, por exemplo, desempenha, em várias das histórias analisadas, um importante papel, no entanto, a despeito da relevância que a escolha da escola tem nessas trajetórias, essa questão não surgiu como temática investigativa em nenhum dos trabalhos já realizados sobre a temática.

Assim, partindo de estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino e sobre acesso ao Ensino Superior em meios populares, a pesquisa realizada, cujos principais resultados iremos aqui apresentar, investigou o processo de escolha por uma escola de Ensino Médio Técnico Federal nas camadas populares.⁴

Para tanto foram realizadas entrevistas mediante roteiro semiestruturado com dez estudantes pertencentes às camadas populares, com idades entre 16 e 19 anos, de séries variadas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – do interior daquele Estado. Inicialmente, entramos em contato com 61 estudantes, dos quais 35 manifestaram interesse em participar. Desses, foram selecionados dez estudantes filhos de pais com ocupação predominantemente manual, como cortador de cana, pedreiro, tratorista, entre outros, e com escolarização máxima de Ensino Médio, a fim de selecionar famílias pertencentes às camadas populares. O quadro a seguir sintetiza as informações socioeconômicas dos estudantes entrevistados.

Quadro 1 – Nome, idade, curso, período e dados de ocupação e escolaridade dos estudantes entrevistados

Aluno(a)	Idade	Curso	Ano escolar	Profissão pai	Profissão mãe	Escolaridade pai	Escolaridade mãe
Augusto	16	Química	2º	Pedreiro	Faxineira	4ª série do EF	8ª série do EF
Robson	19	Química	3º	Cortador de cana (desempregado)	Cozinheira	EF	EF
Carla	18	Automação industrial	4º	Serralheiro	Doméstica	8ª série do EF	5ª série do EF
Kelly	16	Química	2º	Bombeiro	Agente comunitária	EM	EM
Paula	18	Química	4º	Carteiro/Atendente comercial	Dona de casa	EM supletivo e ADM	4ª série do EF
Renato	16	Automação industrial	3º	Carteiro/Atendente comercial	Dona de casa	EM supletivo e ADM	4ª série do EF

⁴ Neste artigo analisaremos apenas o processo de chegada de estudantes de camadas populares a um Instituto Federal do Estado de São Paulo. Na dissertação de Mestrado da qual originou-se o presente texto, discutimos outras questões como a experiência escolar nessa instituição (TETZLAFF, 2017). A respeito desta e de outras questões sobre o Ensino Médio Integrado ao Técnico, sugerimos a consulta a SOBRINHO; GARNICA (2020), PASQUALLI; SILVA; SILVA (2019) e FRIGOTTO (2018).

Luiz	17	Automação industrial	1º	Mototaxista	Secretária (desempregada)	EM incompleto	EM incompleto
Gilberto	16	Automação industrial	2º	Técnico em eletrônica	Doméstica (desempregada)	EM	EF
Olívia	16	Química	1º	Tratorista	Diarista	4ª série do EF	1º colegial
Tiago	17	Química	1º	Motorista	Auxiliar de limpeza	EF	EF incompleto

Legenda: EM – Ensino Médio.

EF – Ensino Fundamental.

ADM – Administração de Empresas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O roteiro de entrevista foi organizado apoiado nas contribuições de Duarte (2002) e, de modo geral, buscou apreender como se deu a trajetória educacional dos estudantes do início da escolarização até a escolha pela escola de Ensino Médio Técnico, além de contemplar outras questões, como critérios para escolha da escola ou relações estabelecidas pelos entrevistados para efetivar essa escolha.

As entrevistas foram realizadas em locais e horários escolhidos pelos estudantes, gravadas e transcritas na íntegra, possibilitando que os dados fossem lidos, revistos e analisados. Utilizou-se o formato de análise vertical e horizontal, o que possibilitou observar as singularidades, conservando cada detalhe e particularidade dos dados fornecidos pelos entrevistados, como também o agrupamento de temas recorrentes em todas as entrevistas (MICHELAT, 1987).

Seguindo os preceitos de Bardin (2011) passamos à análise do material, orientados pelas hipóteses e referencial teórico, buscando compreender o processo que levou os estudantes das camadas populares entrevistados ao IFSP. Assim, as análises de conteúdo das entrevistas possibilitaram as discussões apresentadas a seguir.

A TRAJETÓRIA ESCOLAR ATÉ O IFSP: “BONS ALUNOS”

[...] eu agradeço hoje a todos os professores que eu tenho, foram excelentes professores, por justamente isso: nunca reprovei, nunca fiquei de recuperação, sempre fui um aluno de notas altas, boas notas (Luiz).

A frase de Luiz, 17 anos, estudante do primeiro ano do curso de Automação Industrial Integrado ao Ensino Médio, pai mototaxista e mãe secretária desempregada, expressa a fala de todos os alunos entrevistados. É unânime em seus relatos a característica de receberem sempre excelentes notas e terem bom relacionamento com professores e colegas. Assim, é possível afirmar que todos os entrevistados podem ser considerados como “bons alunos”.⁵

Os estudantes entrevistados relatam que eram disciplinados, gostavam de estudar e ganhavam o apreço dos professores. Kelly, 16 anos, estudante do segundo ano do curso de Química Integrado ao Ensino Médio, pai bombeiro e mãe agente comunitária,

⁵ Para a compreensão de “bom aluno”, estamos nos apoiando no estudo de Viana (2014).

relata que desde que aprendeu a ler e escrever sempre gostou de estudar e, pelo fato de tirar boas notas, os professores gostavam bastante dela.

Além das características de boas notas e bom relacionamento com professores e colegas, os estudantes também demonstram orgulho de seus feitos escolares, referindo-se à experiência de receber premiações. Gilberto, 16 anos, estudante do segundo ano do curso de Automação Industrial Integrado ao Ensino Médio, pai técnico em eletrônica e mãe doméstica, relata com entusiasmo que sempre foi “bom aluno” e apoiado por professores de algumas matérias ganhou muitos prêmios escolares, como a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep), Concurso de Redação promovido por uma emissora de TV e Concurso de Sustentabilidade de uma faculdade.

Carla, 18 anos, estudante do quarto ano do curso de Automação Industrial Integrado ao Ensino Médio, pai serralheiro e mãe doméstica, ao rememorar sua trajetória escolar, também relatou bastante entusiasmada que, por ser boa aluna e retirar muitos livros na biblioteca de sua escola na primeira etapa do Ensino Fundamental, foi premiada e entrevistada por uma emissora de televisão da cidade para uma reportagem sobre leitura.

Augusto, 16 anos, estudante do segundo ano do curso de Química Integrado ao Ensino Médio, pai pedreiro e mãe faxineira, contou que sempre foi um aluno de boas notas e adorava sua professora de Português, que o incentivava a continuar escrevendo poesias e o estimulou a participar do Concurso de Redação da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, em que recebeu sua primeira premiação. O estudante conta, com alegria, ter participado do concurso que lhe proporcionou fazer sua primeira viagem de avião, conhecer uma nova localidade e retornar à sua cidade natal com uma medalha de prata e um *tablet* como premiação do concurso. As premiações relatadas pelos estudantes entrevistados parecem-nos ser mais um indicativo de suas trajetórias escolares bem-sucedidas.

Suas narrativas revelam, também, que eles se sentem capazes de passar por um processo seletivo concorrido como o realizado para o ingresso no IFSP. Esse sentimento de capacidade parece-nos estar ligado ao fato de serem considerados (e de também assim verem a si próprios) como “bons alunos”. Robson, 19 anos, estudante do terceiro ano do curso de Química Integrado ao Ensino Médio, pai cortador de cana e mãe cozinheira, relata que tentou o IFSP “porque sabia que tinha potencial para passar no vestibulinho”, uma vez que suas notas sempre foram boas, e ainda recebeu aulas extras de Matemática e Português que seus professores lhe proporcionaram antes do vestibulinho. O estudante orgulha-se, ainda, de ter passado na primeira chamada sem a necessidade de usufruir do sistema de cotas. Augusto, Kelly e Gilberto, entre outros estudantes, também exaltam a colocação em que foram aprovados no vestibulinho.

Outro fator comum entre os estudantes entrevistados foi certo choque ao ingressar no Instituto Federal de São Paulo. Todos relatam ter estranhado o espaço físico, corpo docente, discente e as aulas, mas o principal impacto ocorreu em relação ao rendimento acadêmico. Não obstante todos os estudantes terem sido “bons alunos” durante o Ensino Fundamental, ao ingressarem no IFSP todos relataram queda em relação ao desempenho acadêmico. Carla, por exemplo, afirma que no Instituto

Federal tirou sua primeira nota vermelha. Segundo a estudante, a principal dificuldade refere-se à quantidade de conteúdo que os alunos aprendem e à forma como esses conteúdos são ensinados, visto que os professores são mestres ou doutores e a forma de ensinar é bastante diferente das escolas onde ela já havia estudado. Apesar da queda no rendimento, porém, a estudante relata que conseguiu rapidamente recuperar o bom desempenho acadêmico. Esta, aliás, foi outra característica unânime nos relatos dos estudantes: apesar da queda inicial das notas, eles também falam de uma rápida recuperação do rendimento escolar, retornando ao *status* de “bons alunos” que sempre marcou suas trajetórias escolares.

Assim, com base nas entrevistas dos estudantes, percebe-se que, durante o Ensino Fundamental, eles foram o que se pode considerar “bons alunos”. As características descritas por eles como bom rendimento escolar, bom comportamento, êxito em campeonatos escolares, recebimento de prêmios e o fato de contarem com o apreço e auxílio dos professores, assemelham-se ao discutido por Viana (2014). Ao buscar compreender o bom desempenho escolar de alunos oriundos de meios populares, a autora afirma que o “bom aluno” apresenta boas notas, docilidade, interesse ou disciplina, ou ainda todas essas características reunidas.

Além disso, também encontramos similaridades com o estudo realizado por Bandera (2014), que pesquisou o Instituto Técnico Federal da cidade de São Paulo. A forma como o autor descreve o corpo discente dessa escola aproxima-se das características de “bons alunos” dos estudantes que entrevistamos. Segundo o pesquisador, o público discente dessa instituição pode ser resumidamente descrito como pertencente a duas categorias de alunos: “os *nerds* e os prodígios”. Isto porque esses estudantes estavam sempre impulsionados a novas superações de si e a novas provações da imagem de bom aluno. Como vimos, também os alunos do IFSP por nós entrevistados buscaram superar os obstáculos surgidos em suas trajetórias, como a queda inicial do rendimento acadêmico visando a retomar a identidade de “bom aluno”. Assim, embora os estudantes tenham relatado queda nas notas, eles afirmaram também que seu desempenho pôde ser rapidamente recuperado.

A característica de “bom aluno”, comum a todos os estudantes entrevistados na pesquisa que realizamos, para além de estar relacionada com o fato de eles terem sido aprovados no processo seletivo para o ingresso no IFSP, também parece guardar relação com o próprio processo de escolha desta instituição de ensino. O próximo item abordará essa questão.

ESCOLHAS OU ESCOLHIDOS?

“Os bons, a gente que tem que salvar, tirar daqui” (Gilberto).

A fala do estudante Gilberto, que serve de epígrafe para o presente item, reproduz o que ele ouviu de um de seus professores do Ensino Fundamental que lhe indicou o IFSP como opção de escolha para a realização do Ensino Médio. Esse fato também ocorreu com os demais estudantes entrevistados na pesquisa. Para todos eles, o processo de escolha pelo Instituto esteve relacionado à rede de relações na qual estavam inseridos, e, de maneira especial, às relações existentes na escola, notadamente com os professores.

A maioria dos entrevistados relatou que o conhecimento sobre o IFSP e o vestibulinho ocorreu por meio de professores ou amigos de escola, uma vez que nem eles nem seus familiares conheciam o Instituto.

Foi assim que Gilberto soube da possibilidade de cursar o Ensino Médio em uma Escola Técnica Federal. O estudante relatou que teve conhecimento disso após a indicação de sua professora de Geografia do 9º ano do Ensino Fundamental. Ele contou que, após conversar com essa professora, começou a pensar na possibilidade do IFSP e da Etec (Escola Técnica Estadual) como escolha para cursar o Ensino Médio. O estudante mencionou que foi aprovado nos processos seletivos das duas escolas, mas preferiu seguir o conselho de sua professora, que, ao falar da instituição técnica federal, explicou-lhe ser uma escola que elevava os alunos, por possuir muitos recursos e excelentes professores. Gilberto julgou importante seguir a indicação de sua professora e afirmou que, “quando você encontra uma professora assim, você realmente ouve”, pois, “além de ser uma excelente professora, ela se importava com os alunos”.

Luiz também relatou que não tinha conhecimento do IFSP como possibilidade para cursar o Ensino Médio, embora houvesse cartazes informativos em sua escola de Ensino Fundamental. O estudante relata que só conseguiu “enxergar” o cartaz depois que sua professora de Português o incentivou a prestar o vestibulinho para o ingresso naquela instituição. Ele não obteve êxito na primeira vez em que se submeteu ao processo seletivo do IFSP e, por esse motivo, fez o 1º ano do Ensino Médio em uma escola estadual de ensino regular, contudo, no ano seguinte, prestou novamente a seleção e foi aprovado.

Assim como Luiz, Olívia, 16 anos, estudante do 1º ano do curso de Química Integrado ao Ensino Médio, pai tratorista e mãe diarista, também chegou a cursar o 1º ano do Ensino Médio em uma escola estadual comum, porém estava insatisfeita e preferiu seguir a indicação de sua professora de Geografia do 9º ano para estudar no Instituto Federal. Segundo a estudante, mesmo ela já estando no Ensino Médio, essa mesma professora continuou a insistir de modo enfático para que a estudante fizesse a prova de seleção para o IFSP.

Paula, 18 anos, estudante do 4º ano do curso de Química Integrado ao Ensino Médio, pai carteiro e mãe dona de casa, afirma que só estava concluindo o Ensino Médio no IFSP porque uma professora do 9º ano do Ensino Fundamental apresentou essa escola a ela e a incentivou a prestar o vestibulinho. A estudante relata que é muito grata a essa professora, pois, não fosse ela, estaria ainda estudando na escola estadual próxima à sua residência.

Também Renato, 16 anos, estudante do 3º ano do curso de Automação Industrial Integrado ao Ensino Médio, pai carteiro e mãe dona de casa, e as estudantes Carla e Kelly definem os professores como grandes incentivadores para a escolha do Instituto Técnico Federal e como indicadores dele como uma ótima opção de escola para cursar o Ensino Médio.

Além dos sete estudantes cujo processo de escolha do IFSP esteve relacionado à indicação e auxílio de professores, outros três conheceram o Instituto por meio de amigos ou de pessoas da própria instituição.

Augusto disse que o IFSP, apesar de ter crescido muito, ainda é pouco divulgado, e muitas pessoas não sabem de sua existência. Esse estudante realizou provas em escolas particulares visando a ganhar bolsas de estudo e, embora tenha obtido êxito em algumas, optou pelo Instituto Federal porque sua irmã e seu primo também estudaram nessa instituição. Ambos, por sua vez, conheceram a escola por meio de uma tia que trabalhava no IFSP exercendo serviços gerais na área de limpeza e sempre trazia informações referentes à boa qualidade da instituição. Além do incentivo familiar, entretanto, Augusto também relatou que seus professores do 9º ano do Ensino Fundamental divulgavam o exame para ingresso no IFSP aos alunos e incentivavam o ingresso nessa instituição.

O estudante Robson conta que, quando estava no último ano do Ensino Fundamental, um amigo da igreja, que já estudava no IFSP, apresentou-lhe a instituição e o incentivou a tentar o exame para ingresso. Segundo seu relato, se ele não fosse aprovado no Instituto, estudaria à noite em uma escola estadual, para trabalhar durante o dia. Robson conta que, ao falar do desejo de ingressar no IFSP em sua escola de Ensino Fundamental, alguns professores começaram a lhe dar aulas extras, depois do horário regular, para fazer revisão das disciplinas e preparar para a prova do vestibulinho.

Para Tiago, 17 anos, estudante do 1º ano do curso de Química Integrado ao Ensino Médio, pai motorista e mãe auxiliar de limpeza, o interesse em ingressar no IFSP deu-se muito antes do término do Ensino Fundamental. O estudante foi convidado pelo irmão de um amigo da escola, que já fazia curso técnico na instituição, para o evento “Show da Química”. O estudante contou que, desde essa ocasião (7º ano do Ensino Fundamental), ficou deslumbrado com tudo o que viu. A partir daí, fez várias pesquisas no site da instituição, até que, ao chegar ao 9º ano, fez a inscrição para o vestibulinho e foi aprovado. Tiago relatou, ainda, que o fato de a professora de Português do 9º ano do Ensino Fundamental ter desenvolvido um projeto para ensinar alguns conteúdos que estavam no edital do processo seletivo para o ingresso no Instituto o ajudou muito a ser aprovado.

Assim, a partir dos relatos dos estudantes, observamos que o processo de escolha do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) para cursar o Ensino Médio está fortemente ligado à sua rede de relações sociais, e, sobretudo, à rede escolar e de modo especial aos professores. Como vimos, entre os dez estudantes entrevistados, sete relataram ter recebido a indicação do IFSP para cursar o Ensino Médio de seus professores do Ensino Fundamental. Além disso, os alunos afirmaram também que os professores os incentivaram a prestar o processo seletivo para o ingresso naquela escola e os auxiliaram na preparação para esta prova. Assim como Tiago, outros alunos, como Olívia, Kelly, Robson e Gilberto, também afirmaram que os conteúdos ensinados por seus professores do último ano do Ensino Fundamental contribuíram muito para melhor preparo para a prova de ingresso na instituição federal.

A importância dos professores na escolha pelo Instituto Federal fica mais evidenciada quando os estudantes afirmam que não fosse a indicação e o auxílio desses profissionais, provavelmente eles estariam cursando o Ensino Médio regular em escolas estaduais próximas às suas residências. Paula, Renato, Luiz, Robson, Kelly, Olívia, Carla e Tiago fizeram essa afirmação.

Mesmo nos casos em que os estudantes residiam próximo ao Instituto Federal, seus relatos indicam que não basta estar próximo geograficamente para considerar a instituição como possibilidade de escola para cursar o ensino técnico. Robson morava próximo do IFSP, mas afirma que nunca tinha “enxergado” o Instituto. Luiz só viu os cartazes sobre o Instituto nas paredes de sua escola após sua professora ter falado com ele sobre a instituição. Assim, consideramos que para almejar ingressar numa escola como o IFSP é preciso estar próximo socialmente.

Para esses e outros estudantes entrevistados, foi necessária uma intermediação social para que o Instituto Federal surgisse em seu horizonte como uma possibilidade para a realização do Ensino Médio Técnico. Não fosse isso, os estudantes estudariam em outras escolas públicas de Ensino Médio próximas às suas residências, tidas como oferecendo ensino de menor qualidade, assim como ocorre com a maior parte de seus colegas, vizinhos e familiares.

Esse tipo de intermediação está relacionado ao que o sociólogo francês Pierre Bourdieu denominou de causalidade do provável.

Para o autor, as aspirações e os projetos para o futuro são expressões daquilo que é *objetivamente* possível (em termos de chances estatísticas) a um indivíduo, em razão de seu pertencimento social. As esperanças subjetivas são, para Bourdieu (1998), “oportunidades objetivas intuitivamente apreendidas e progressivamente interiorizadas” (p. 49).

Isso explica o fato de os estudantes desconhecerem o Instituto Federal apesar de, em alguns casos, morarem perto da instituição ou terem vistos cartazes sobre ela em suas escolas de Ensino Fundamental. Para a mudança desse quadro a mediação operada pela rede escolar, notadamente pelos professores, foi fundamental.

De fato, para Bourdieu (1998), os desejos ou os planos para o futuro de um indivíduo são resultados da interiorização das chances possíveis de realização de tal ou qual intento, para a *média* da categoria social à qual ele pertence. A regulação de seu comportamento, no entanto, ocorre também com base em dados da realidade vivida. Nesse sentido, determinados eventos externos podem modificar a percepção interna de um indivíduo quanto às suas possibilidades de alcançar determinado bem ou posição. É o que o autor chama de “mediação por situação interposta” (BOURDIEU, 1998).

Parece-nos que foi esse tipo de mediação que os professores dos estudantes entrevistados fizeram. Ao apresentar e indicar o Instituto e ao oferecer auxílio para a preparação para a prova do vestibulinho, esses profissionais operaram uma mediação social. Desse modo, o IFSP surgiu no horizonte de possibilidades dos estudantes entrevistados a partir da mediação social feita pelos professores.⁶

A exceção ao conhecimento do Instituto por meio das relações escolares foi Augusto, que teve a família como central no processo de escolha da instituição. Ainda nesse caso, todavia, também a escola esteve presente no processo de escolha, dado que o incentivo da irmã e primo que estudaram no IFSP originou-se do fato de a tia trabalhar

⁶ Como vimos anteriormente, dois estudantes (Robson e Tiago) souberam do IFSP por meio de amigos ligados à rede escolar.

na instituição, no setor de limpeza, e trazer informações referentes à escolarização nela ofertada.

Assim, diferentemente do apontado em alguns estudos mencionados no início deste trabalho, como o realizado por Resende, Nogueira e Nogueira (2011) e Cintra (2013), as famílias dos estudantes aqui investigados não aparecem como as principais fontes de influência para a escolha do IFSP como escola para cursar o Ensino Médio. As famílias aparecem, antes, como uma importante rede de apoio para o ingresso no IFSP, no sentido de operacionalizar o desejo do filho ou, na maior parte das vezes, de viabilizar ou de realizar a indicação dos professores.

A maior parte dos estudantes entrevistados afirmou que seus pais não tinham conhecimento de opções de escola de Ensino Médio nem da qualidade do ensino dessas escolas. Esse conhecimento adveio dos próprios filhos, que, por sua vez, como vimos, tiveram acesso a essa informação por meio da escola, principalmente dos professores e amigos estudantes. Não obstante esse desconhecimento inicial, os pais dos estudantes entrevistados endossavam a indicação dos professores. Além disso, as condições socioeconômicas das famílias permitiam garantir o sustento dos filhos, auxiliar com transporte e alimentação, entre outros itens, para que os filhos pudessem apenas estudar e ingressar no Instituto.⁷

Ademais, além dos conselhos, da informação e do incentivo por parte dos professores, estes também participaram do processo de ida dos estudantes entrevistados para o IFSP por meio de um auxílio extracurricular e voluntário. Para vários dos estudantes entrevistados, o ingresso no IFSP só foi possível pela dedicação de alguns professores do Ensino Fundamental, que ministraram aulas extras, fora do horário regular de trabalho. Como exemplo, temos a fala de Robson, que afirmou que “se não fosse isso [aulas extras dadas pelos professores], eu não teria passado, porque foi uma prova muito difícil”.

Bandera (2014, p. 195), em uma pesquisa já aqui citada sobre a Escola Técnica Federal de São Paulo, afirma que o próprio vestibulinho seleciona um “público altamente suscetível à ação pedagógica da instituição”, observando que os estudantes procuram e fazem cursinhos preparatórios para conseguir ingressar. Já os alunos entrevistados por nós não frequentaram cursinhos preparatórios como os mencionados pelo autor, mas receberam auxílio de seus professores do Ensino Fundamental em aulas extras e gratuitas fora do horário regular de trabalho visando à preparação para a prova de admissão no IFSP.

Com base nos relatos dos estudantes, o papel exercido pelos professores do Ensino Fundamental parece ter sido central para que eles “escolhessem” estudar em uma escola técnica de Ensino Médio federal. Considerando-se, contudo, que nem todos os seus colegas receberam a mesma indicação, o mesmo auxílio ou passaram a cogitar o ingresso no Instituto Federal, parece-nos possível entender que muito mais do que uma escolha, esses estudantes foram escolhidos para estar nessa escola, como enuncia a frase-título deste item.

⁷ Com exceção de Murilo, que precisava trabalhar para auxiliar em casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa por nós realizada e aqui relatada objetivava descrever como se dá o processo de escolha por uma escola de Ensino Médio técnico federal por parte das camadas populares. Os resultados da investigação empreendida apontaram para um processo construído por meio das relações pessoais, sobretudo no âmbito escolar, ao longo de todo o percurso dos estudantes das camadas populares.

Nesse processo não observamos, por parte desses estudantes e suas famílias, a existência de um projeto de escolha pela escola que envolvesse seleção e discussão prévia sobre os estabelecimentos de ensino de melhor qualidade para cursar o Ensino Médio, uma vez que a maioria das famílias desconhecia a instituição federal.

As histórias analisadas neste trabalho, embora sejam únicas, apresentando características próprias e específicas da trajetória escolar de cada estudante entrevistado, permitem aproximações que nos fazem refletir sobre como se constroem os processos de escolha pela escola de Ensino Médio Técnico Federal por estudantes das camadas populares. Remetemo-nos à ideia de construção, pois as histórias analisadas apontam para um *processo* que ocorreu de maneira gradativa por meio de trajetórias escolares bem-sucedidas. Podemos pensar em uma construção artesanal, que ocorreu durante todos os anos de escolarização dos estudantes, envolvendo, por exemplo, elementos de boas notas, gosto pela leitura, caracterizando-os como “bons alunos”.

Nesse processo a participação da família foi diferente do presente em outros estudos sobre o tema citados no início deste trabalho. Resende, Nogueira e Nogueira (2011), por exemplo, afirmam que os pais de estudantes das escolas técnicas federais apresentam forte valorização dos critérios acadêmicos e qualidade do método de ensino ao efetuarem a escolha pela escola dos filhos. Costa e Koslinski (2011) argumentam que os processos de escolha pela escola são complexos e que os pais levam em conta critérios como padrões acadêmicos, currículo, boas práticas de ensino, localização e *rankings*. Essas pesquisas contrastam, até certo ponto, com a realidade dos estudantes por nós entrevistados, filhos de pais com baixa escolaridade e ocupações predominantemente manuais.

As famílias desses estudantes não poderiam indicar o IFSP, definir um projeto educativo que envolvesse confronto, discussão e seleção dos estabelecimentos de ensino desejados para os estudantes, tampouco traçar estratégias de escolha pelo IFSP, pelo fato de a maioria delas não possuir conhecimento sobre a instituição. Em que pesem essas questões, contudo, as famílias dos estudantes entrevistados não ficaram alheias ao processo de escolha. Participaram dela no sentido de, por exemplo, valorizar e operacionalizar a indicação do professor, atribuir valor à educação de qualidade (informada pelo professor, em muitos dos casos analisados) e, principalmente, seguir viabilizando a escolha do filho, proporcionando transporte e sustento para que o estudante se dedicasse apenas aos estudos. Cabe aqui, também, lembrar Nogueira, Resende e Viana (2015), que identificam em meios populares o desejo crescente de participação dos pais na vida escolar dos filhos, não havendo passividade, mas, sim, meios de interação que vão da participação em reuniões à liberação dos filhos das atividades domésticas (e também do trabalho), para que possam apenas estudar.

No que diz respeito à compreensão do fenômeno, no caso da pesquisa que realizamos, a escolha desses estudantes dependeu da indicação ou influência de seus professores de Ensino Fundamental ou amigos escolares.

Nesse sentido, assim como apontam os estudos sobre a participação familiar nas trajetórias escolares bem-sucedidas nas camadas populares, a família participa de outros modos, aqueles possíveis dadas as suas condições concretas de existência. Da mesma forma como Portes (2000) indica o fato de um pai passar a trabalhar como raspador de tacos no período noturno para custear a escolarização da filha como um modo de participação familiar na escolaridade dos filhos em meios populares, também algo semelhante pode ser observado na pesquisa por nós realizada. Neste sentido, se não encontramos atitudes típicas de camadas médias no tocante à escolarização, por exemplo, a participação ativa, explícita e bastante direta na escolha da escola de Ensino Médio, vimos pais e mães fazendo o seu possível (liberando filhos do trabalho doméstico, isentando-os da necessidade de exercer trabalho remunerado, pagando transporte escolar, entre outras ações) para viabilizar um desejo do filho ou, principalmente, para realizar a indicação de um professor. Desse modo, consideramos possível concluir que as famílias das camadas populares estão presentes, da forma como as condições sociais, econômicas e educacionais lhes permitem, no processo que redundou na presença de seus filhos-estudantes no IFSP, muito embora esta participação não seja central ou determinante como o é nas camadas médias.

Já a participação da escola, de maneira ampla, pareceu-nos central neste processo. Os relatos dos estudantes indicam a escolha da escola de Ensino Médio como uma construção ocorrida no próprio processo de escolarização. Em especial, esta pesquisa aponta que os professores exerceram papel importante nas histórias analisadas, pois, além de indicarem o IFSP, incentivaram e se dedicaram ao fornecer materiais extras e ministrar aulas de reforço para que os estudantes estivessem mais bem preparados para enfrentar o processo de seleção da instituição.

Além de um processo de seleção para o ingresso no IFSP – a julgar pelos próprios entrevistados, que afirmaram ser uma prova muito difícil (muitos de seus pares tentaram e não ingressaram), como também pelos professores, que ofereceram reforço nos conteúdos a serem estudados para a prova – os estudantes passaram por outro processo de seleção. A participação central dos professores de Ensino Fundamental no processo de escolha pela instituição técnica federal pôde ser observada nos relatos dos estudantes: tanto a indicação quanto o auxílio desses professores não estiveram presentes para todos os estudantes, mas apenas para os “escolhidos”, ou seja, houve uma seleção, por parte dos professores, de uma pequena parcela de estudantes, considerados os mais empenhados, mais dedicados aos estudos, disciplinados, que atingiam as melhores notas. Os eleitos seriam os “bons alunos”, caracterizados por trajetórias escolares bem-sucedidas.

Os dados aqui analisados nos levam ao entendimento de que a escolha pela escola de Ensino Médio Técnico Federal pelas camadas populares constitui um processo social de construção de conhecimento, de interações, valorizações e vivências que possibilitam aos estudantes se reconhecerem como detentores de bom desempenho acadêmico

e capazes de passar por um processo seletivo, de reconhecer a oportunidade de ter acesso a um ensino de maior qualidade e de poder dar continuidade à escolarização.

Este estudo mostrou também que se, por um lado, as indicações escolares contribuem para o acesso a um ensino de maior qualidade por parte de estudantes das camadas populares, por outro elas evidenciam igualmente as desigualdades de oportunidades educacionais. Esta possibilidade de uma educação escolar melhor não é oferecida a todos os estudantes das camadas populares, mas apenas a alguns poucos, a saber, os estudantes bem-sucedidos, os “bons alunos”: são eles os escolhidos.

Caberia uma investigação mais específica que se detivesse exclusivamente na análise dos motivos que levam alguns professores a selecionar estudantes e indicar apenas a eles uma escola de melhor qualidade, buscando conhecer mais profundamente quem a escola seleciona, que critérios são utilizados e por que “os bons, a gente tem que salvar, tirar daqui”.

REFERÊNCIAS

- BANDERA, Nicolau Dela. Esforçados e “talentosos”: a produção do sucesso escolar na escola técnica federal de São Paulo. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 195-218, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/HyHMdVqwT6BPLktTnMgjHg/abstract/?lang=PT>. Acesso em: 1º dez. 2015.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CINTRA, Mariana Simões Ferreira. *A importância da família no processo de escolha pelo Ensino Médio técnico*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, Departamento de Educação, Informação e Comunicação, Ribeirão Preto, 2013.
- COSTA, Márcio; KOSLINSKI, Mariane Campelo. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p. 133-154, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/L5hGZBfCkMcyPrGfqPJM8ss/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2016
- COSTA, Márcio; KOSLINSKI, Mariane Campelo. Quase mercado oculto: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 246-266, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ZQrNtMt7Rj89RTBbWWWygWt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwwqMxQsv-QwH5bkrhrDKm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1º dez. 2015.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o Ensino Médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: UERJ; LPP, 2018.
- LACERDA, Wânia Maria Guimarães. De escolas públicas estaduais ao Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA): “a fabricação das exceções”. In: PIOTTO, Debora Cristina (org.). *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 45-88.
- MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 5. ed. São Paulo: Ed. Polis, 1987. p. 191-211.
- NASCIMENTO, Nayara Dias Pajeú. *A oferta do Ensino Médio integrado como política pública no Tocantins: uma análise da percepção dos estudantes*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques; RESENDE, Tania de Freitas; VIANA, Maria José Braga. Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 62, p. 749-772, jul./set. 2015.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 42-56, jan./abr. 1998.

PASQUALLI, Roberta; SILVA, Vosnei; SILVA, Adriano L. limites e potencialidades de materialização do currículo integrado: uma análise dos planos de ensino e diários de classe. *Revista Contexto & Educação*, v. 34, n. 109, p. 104-120, 2019. DOI: 10.21527/2179-1309.2019.109.104-120. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/7631>. Acesso em: 1º mar. 2022.

PORTES, Écio A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 61-80.

RESENDE, Tania de Freitas; NOGUEIRA, Cláudio Marques M.; NOGUEIRA, Maria Alice. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, out./dez. 2011.

ROMANELLI, Geraldo. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P.; VILELA, Rita A. T. (org.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 245-264.

SOBRINHO, Sidney. C.; GARNICA, Tamyris P. B. Chronos ou kairós? Qual é o “tempo” de formação nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio nos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia – IFS? *Revista Contexto & Educação*, v. 35, n. 112, p. 45-65, 2020. DOI: 10.21527/2179-1309.2020.112.45-65. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/10760>. Acesso em: 1º mar. 2022.

SOUZA, Maria do Socorro Neri Medeiros de. Estudantes de origem popular nos cursos mais seletos da UFAC. In: PIOTTO, Debora Cristina (org.). *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 89-132.

TETZLAFF, Iris Maria Bosco. *Escolhas ou escolhidos? Estudantes das camadas populares em uma escola de Ensino Médio técnico federal*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

VIANA, Maria José Braga. Em que consiste a excelência escolar nos meios populares? O caso de universitários da UFMG que passaram pelo programa bom aluno de Belo Horizonte. In: PIOTTO, Debora Cristina (org.). *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 13-43.

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação está
sob Licença Creative Commons CC – By 4.0